

Teixeira de Pascoaes: um espiritualismo cívico ou laico ou a tradição como recomposição espiritual

ELISABETE FRANCISCO

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
elisabete.francisco@simplesnet.pt

Resumo: Teixeira de Pascoaes foi o homem do sonho e da esperança, da sombra e da luz. Simbolizando o saudosismo, as suas obras são marca de um tempo que preconizava o modernismo. Mas o grande paradoxo do modernismo foi o encontro da tradição com a actualidade, na busca da liberdade humana. Do espírito d' *A Águia* aos propósitos da Renascença – o próprio nome do movimento é significativo –, o saudosismo seria, mais que uma tendência ou uma escola, uma característica do ser português. E é precisamente no encontro dessa especificidade que Pascoaes busca a valorização da sua pátria, como cidadão. Pela tradição, pela saudade, por uma espiritualidade cívica ou laica, o poeta que através da memória transformou a morte em vida e a ausência em presença, revestiu de religiosidade todos os seres, as coisas, a sua aldeia, a sua pátria. O seu espírito interventivo, pela poética, ganharia sentido metafísico, ousando levar os portugueses rumo a novas Índias espirituais.

Palavras-chave: Teixeira de Pascoaes, Saudosismo, Modernismo, Espiritualidade, Pátria.

Abstract: Teixeira de Pascoaes was a man of dreams and hope, of shadow and light. Symbolizing the nostalgia, his works are a mark of a time that preconized the modernism. But the great paradox of modernism was the meeting of tradition with the present time, in the quest for human freedom. From the spirit of *A Águia* to the purposes of the Renascença (Renaissance) – the name of the movement itself is significant – the nostalgia would be, more than a trend or a school, a characteristic of being Portuguese. And it is precisely in the connection of this specificity that Pascoaes searches for the appreciation of his homeland, as a citizen. For tradition, for the saudade, and for a civic or secular spirituality, the poet that through the memory turned death into life and absence into presence, overlaid with religiosity all beings, all things, his village, his homeland. His interventionist spirit, through poetic, would achieve metaphysical sense, daring to take the Portuguese towards new spiritual Indies.

Keywords: Teixeira de Pascoaes, Nostalgia, Modernism, Spirituality, Homeland.

“O sentimento religioso é indispensável à nossa vida superior.

É ele que nos leva a cumprir com alegria a suprema Lei
do sacrifício de que dependem as Pátrias e a Humanidade.”

Teixeira de Pascoaes, *Arte de ser português*

Teixeira de Pascoaes foi autor de textos doutrinários do tempo da 1.ª República, de conferências da Renascença Portuguesa (*O Espírito Lusitano* de 1912, a *Era Lusitana*, de 1914 ...), ou de obras como *Sempre* (1898), foi o homem do sonho e da esperança. Do ser e não ser e do quase ser, das sombras e do divino. Muitos dos que o seguiram não se aperceberam, talvez, que o saudosismo era sobretudo uma concepção pessoal, que Pascoaes assumiu como vivência. O poeta que se identificou com o mito de Orfeu¹ (de tal forma que, a seu pedido, Pascoaes foi enterrado num caixão em forma de lira) foi, para Eduardo Lourenço, “o único puro que possuímos”² quanto à sua essência visionária romântica.

Sofreu influências de homens que admirou e que lhe deixaram marcas culturais: a religiosidade panteísta de Junqueiro, a busca do Absoluto em Antero³, a candura da escrita de João de Deus e a poesia de António Nobre. Pascoaes partiu do misticismo panteísta da Geração de 70 e de formulações metafísicas sobre o mal, a dor e temas afins presentes em Martins, Junqueiro ou Nobre. Formulações, essas, adensadas com a frustração pátria do *Ultimatum*.

Talvez por isso Jorge de Sena afirmasse que Pascoaes é uma síntese, ainda que originalíssima, do século XIX; e Eduardo Lourenço, que Pascoaes é o menos moderno dos modernos.

Intelectuais como Afonso Lopes Vieira, Jaime Cortesão, António Correia de Oliveira ou uma segunda geração de modernistas como José Gomes Ferreira e Florbela Espanca, devem-lhe muito do seu saudosismo. Não menos o deve Fernando Pessoa. Há ainda uma certa continuidade da religiosidade de Pascoaes nos surrealistas, tendência que voltara a ressurgir em Augustina Bessa-Luís.

Tomamos, como exemplo para melhor compreender o lado cívico da espiritualidade de Pascoaes ou aquilo a que o poeta chamou a religião da pátria, o saudosismo, duas obras que se cruzam no mesmo pensamento e ideologia: *Livro de memórias* (1928) e *Arte de ser Português* (1915).

A primeira, pessoal e autobiográfica, conduzirá à segunda, com a mesma visão saudosista que da vida e dos homens, e mesmo da natureza e do Marão, se prolongou à pátria. Como republicano, Pascoaes procurou um sentido cívico na espiritualidade, como ser humano, Pascoaes procurou um sentido de liberdade para a vida. Encontrou-a

1 Leia-se, a este propósito, o poema “A sombra de Eurídice”, in *As sombras. Obras completas*. Lisboa: Bertrand, s.d., p. 78.

2 Eduardo Lourenço – *O labirinto da saudade*. Lisboa: 2007, p. 104.

3 O próprio léxico que utilizou adequava-se ao trágico e metafísico gosto anterior: dor, além, sombra, névoa...

na saudade, como regeneradora, mito de renascença, e em última instância, como a sua religião.

No *Livro de memórias* não existe valor documental, divergindo, desta forma, de outros livros do género, como é o caso dos de Raul Brandão.

Pascoaes exprime um tempo do “eu” interior, tempo esse que vai desde o ano em que nasce, 1877, até à data em que o irmão, António, se suicidou em Coimbra, no ano de 1903. São vinte e seis anos de vida em que o autor se foca. Tem cinquenta anos quando escreve esta obra, um registo autobiográfico de leitura simbólica.

Entre o “eu-narrador” e o “eu-personagem”, há uma distância entre o passado e o presente que, contudo, se confundem: “És tu, sou eu, perdido na noite do passado, a chamar por mim. Corro ao meu encontro, ao encontro dessa criança que me procura nas trevas. E a pobre a si mesma se reconhece neste velho.”⁴

É, para Pascoaes, o passado que dá sentido ao presente: “Anoitece, cá fora; mas, dentro em mim, desponta a madrugada. Iluminam-se os longes do tempo.”⁵

O tempo e o distanciamento não são, para Pascoaes, factor de esquecimento. Por isso, o poeta não vê o passado como algo de indefinido, do jamais regressado. Aquele para quem tudo foi “trágica saudade”, assumiu a “tragédia humana” como o viver para além da vida e essa dimensão ontológica reside na saudade, pelos caminhos da memória.

A saudade é imanente a todo o pensamento de Pascoaes. Ela existe e dá existência real ao que Pascoaes assume como *sombras*. A luz confunde-se com as trevas e a vida com a morte. Por isso, Pascoaes é o poeta que canta a vida através da morte – o lado feminino de Deus –, e para quem a memória é esperança, porque de renascimento se trata: “há uma luz que dissipa as trevas do tempo e ressuscita os mortos”⁶.

Será a memória esta luz a que o autor se refere? E não será a memória a única capaz de perpetuar o passado face à fugacidade do presente?

Por outro lado, os mortos ressuscitam pela saudade que o autor sente: “E entre eles, meu Pai! (...) A morte roubou-me a sua aparência, mas restituiu-me a sua aparição, o seu verdadeiro ser.”⁷

O passado revisita-se no presente e neste se confunde. Ou o presente não existe, para o autor? Repare-se que se, por um lado, o presente não deixa de ser essencial para que haja lembrança, trazida pela saudade, por outro, é notório que Teixeira de Pascoaes vive o passado – recriando-o através da evocação saudosa – no presente, deixando este de ter dimensão temporal. Por isso, todo o tempo é, para o poeta do Marão, simbólico.

Por outro lado, além da realidade concreta do que é, *de facto*, há a realidade do passado, que Pascoaes formula como essência de uma outra existência: “Esta folhinha

4 Teixeira de Pascoaes – *Livro de Memórias*. Lisboa: 2001, p. 41.

5 *Ibidem*.

6 *Ibidem*, p. 37.

7 *Ibidem*, p. 135.

verde que me bate na janela, existe. E vós, meus amigos dalém-túmulo? Se existis, ocupais o último plano da realidade, que principia onde tudo finda.”⁸

Talvez seja, assim, neste plano, que a morte assume a perenidade dos seres e das coisas: “Se fosses viva, Leonor, que seria agora do teu rosto? E que seria do teu sorriso, Jesus? Ai dele! E os teus olhos, ó Carmo, seriam dois borrões de tinta negra caídos num pergaminho cheio de rugas. Mas vós lá estais, ao longe, na posse perpétua da mocidade e da beleza. Os mortos é que são incorruptíveis.”⁹

Diz o poeta que “as pessoas adoradas são da mesma substância que as estátuas dos deuses: são de mármore.”¹⁰ Essas estátuas de mármore tornam-se, desta forma, infinitas. E o infinito só toca os deuses: “Iam desaparecer do mundo como homens, para viver, na minha lembrança, como deuses. Porque os homens foram deuses e voltam a sê-lo, depois de mortos.”¹¹

Teixeira de Pascoaes tinha sete anos. E entre ele e os outros *não havia distância*. Ele era *tudo e todos, tinha o mundo nas mãos*. Era tudo e todos e continuou a sê-lo através da saudade, que tornou intemporais as suas memórias.

Os mortos falam, riem, choram: “Ouço-te rezar, minha avó, com um terço nas mãos, à tarde. E o toque das Trindades reboa perpetuamente nos longes doirados dessa tarde.”¹² [...] Num cantinho do jardim, meu tio Jacinto corta um cravo de neve raiado de lume vivo. Imobilizou-se, para sempre, naquele gesto. (...) O António lá vai, com uma caixa de pinho às costas, pelo terreiro adiante. Nem olha para trás. Vai, mas ocupa sempre o mesmo sítio.”¹³

Tal como a voz da criada Lucrécia, a ama de Pascoaes que lhe encheu a infância de histórias e lendas de espectros que ainda perduram: “A tua voz e o vento! O vento aprendeu a falar contigo, nessas noites que já lá vão, e repete as tuas histórias aos pinhais ... E há-de repeti-las, por todos os séculos vindouros ...”¹⁴

A memória permite a imortalidade das coisas e das pessoas. Elas vivem para além do tempo, passam além da morte, com os gestos, os movimentos, as vozes, que ficam *para sempre!*

Que seria do poeta sem essas figuras da infância, tal como o que seria da sua vida sem estas memórias?

“Sem a viscondessa e a Lucrécia, que foram a loucura e a poesia, sem as tardes de outrora, (...) sem o António deste mundo, sem meus avós e as noites à lareira, que

8 *Ibidem*, p. 39.

9 *Ibidem*, p.107.

10 “As pessoas adoradas são da mesma substância que as estátuas dos deuses: são de mármore.”, Teixeira de Pascoaes – *Livro de Memórias...*, p. 56.

11 *Ibidem*, p. 125.

12 *Ibidem*, p.70.

13 *Ibidem*, p.105.

14 *Ibidem*, p.105.

seria da minha infância? Que existiria hoje dela?”¹⁵ E o próprio poeta dá a resposta: “Vós é que sois a minha infância; vós e outras criaturas, como o velho António e a sua ingratidão que ainda me dói, o velho ló dum ao luar, sem um murmúrio na folhagem, o velho Nilo a uivar à Lua, a falar só; e o sorriso da Jesus, uma lembrança cor-de-rosa, e o cravo ao peito de meu tio, branco e roxo, e o lenço negro da Eusébia, tão negro que se destaca na negridão dos tempos mortos. Vós sois a minha infância.”¹⁶

Para trás, o caminho percorrido com as vozes e as lembranças, que vivem, porque morreram.

As próprias personagens que recorda, vivem através da morte. Não foi a morte que as tornou infinitas? O morrer é sinónimo de “renascer”, é “ser dado à luz, uma outra vez”¹⁷, nas palavras do poeta. A alusão à luz como o “fazer renascer” depois da morte será, então, a memória? Esse “renascer” será “reconstruir o passado” para nele viver... e para o fazer viver? Não estará na evocação, a vida do que morreu?

O poeta solitário do Marão foi o homem que revestiu a saudade de dimensão ontológica: “Sois comigo! E que distância nos separa. Que saudade! Mas viveis desta saudade, desta substância ilusória em que o meu ser se continua e ultrapassa os limites da Existência.”¹⁸

Foi o poeta que cantou a vida através da morte, e os mortos através da lembrança. E que fez do passado o presente, e do finito o Infinito: “Sim, a morte há-de apagar todas as estrelas do céu e todas as lembranças da memória! Há-de chegar a hora em que o teu sorriso se extinguirá, Maria de Jesus, e a noite dos tempos ficará mais negra e arrefecida. E o teu perfil, Leonor, há-de esconder-se atrás de uma nuvem, para sempre. Nunca mais haverá luar. E a tua imagem, meu Pai, há-de também fugir-me para sempre. Este sentimento de fatal separação mais nos aproxima um do outro.”¹⁹

O *Livro de Memórias* pode ser entendido como a síntese do pensamento de Pascoaes. O pensamento que foi, também, o sentimento de toda uma vida.

Teixeira de Pascoaes viu na memória a ideia do renascimento, e este acarreta consigo a esperança da vida. Por isso, Pascoaes vive, quando lembra. Talvez desta forma as suas palavras tenham sido tão optimistas, apesar do aparente paradoxo da morte que as envolve.

O poeta da luz e das sombras, da vida e da morte, que desenvolveu a filosofia da saudade, fez parte da “Renascença Portuguesa” (a partir de 1911) e foi entre 1912 e 1916 dirigente do seu órgão principal, a revista *Águia*. Os anos anteriores tinham sido conturbados e agitaram o país: o *Ultimatum*, o regicídio, a queda da Monarquia,

¹⁵ *Ibidem*, p. 79.

¹⁶ *Ibidem*, p. 81.

¹⁷ *Ibidem*, p. 53.

¹⁸ *Ibidem*, p. 39.

¹⁹ *Ibidem*, p. 90.

a aurora da República ... sonhos que caíram e novas esperanças que surgiam, envoltas em ideais de ressurgimento pátrio. A literatura da época era carregada de messianismo. E o povo português esperava, ainda, a vinda do “Encoberto” que o arrancasse da “noite lusíada”²⁰, termo de Teixeira de Pascoaes, bem presente na sua obra *Verbo Escuro*.

Numa época em que se fazia ainda ressentir a “morte do cristianismo” que os filósofos europeus anunciaram em pleno século XIX, reforçava-se a crença colectiva no “nacionalismo político”. Um povo deveria ser detentor dessa crença ou sentimento. Muitos foram os intelectuais que, desta forma, procuraram nas tradições, na terra, nas lendas e mitos (como foi o caso de Garrett, Herculano e o próprio Pascoaes²¹) o fundamento de uma “cultura” nacional. Assim foi a Geração da República, que sob o estímulo da mudança de regime procurava a ressurreição nacional num neo-romantismo histórico e etnográfico, mitificando heróis da História, como Nun’Álvares que, nas palavras de Pascoaes, “morreu como homem para viver como Portugal”.

Foi desta forma que o fundamento de um sentimento colectivo residiu, para o poeta, no saudosismo português. Algo de metafísico que animava a alma da pátria. A sua religião²², que assumiu um sentido filosófico, pela tradição popular e poética, com Frei Agostinho da Cruz, Bandarra, Camões, Nuno Gonçalves, Camilo, Garrett, Soares dos Reis, João de Deus ...

É nesse “sentido cívico” que toda a escrita de Pascoaes, militante sem ser activista, política ou desiludida como a de alguns dos da sua e da anterior geração, se apropria da teologia. Entre o indivíduo que busca o sentido da vida na morte, presença na ausência, e da luz na sombra, a sua visão sobre a Pátria acabaria por ser socialmente interventiva. A procura de uma especificidade cultural portuguesa através dessa “religião cívica”, integra-se numa problemática social mas também – e sobretudo – numa questão moral. Os heróis, as lendas, a saudade, eram pano de fundo para uma pátria que buscava um sentido ontológico.

E é assim que, segundo Eduardo Lourenço, “entre a *Pátria* de Junqueiro e a *Mensagem* há a invenção suprema – e porventura a mais genial jamais saída da imaginação lusíada – a da *Pátria Saudade* de Teixeira de Pascoaes.”²³

20 O termo é de Teixeira de Pascoaes, bem presente na sua obra *Verbo Escuro*.

21 “O seu panteísmo saudosista, que estabelece uma dialéctica singular entre as coisas (a paisagem) e as palavras poéticas, combina-se também com o nacionalismo linguístico que revela a magia e a introduzibilidade de certos lexemas como saudade, ermo, remoto, luar, sombra, nevoeiro, medo, oculto, etc., aliás, recorrentes nos seus poemas.” Vítor Viçoso – O saudosismo de Teixeira de Pascoaes e a identidade cultural portuguesa. In *Encontro com Teixeira de Pascoaes no cinquentenário da sua morte. Actas do Colóquio (Faculdade de Letras de Lisboa, 29 de Abril de 2003)*. Org. Maria das Graças Moreira de Sá e Paula Morão. Lisboa: Colibri, 2004, p. 100.

22 Contradição aparente do republicanismo, que parecia encerrar em si uma análise científica da sociedade, que se opunha teoricamente às ideias tão espirituais e metafísicas que muitos dos seus homens partilhavam, como o caso de Junqueiro, Sampaio Bruno e Pascoaes, entre outros. Veja-se, a este propósito, Fernando Catroga – *O Republicanismo em Portugal: da formação ao 5 de Outubro de 1910*. 2 vols., Coimbra: Casa das Letras, 1991.

23 Eduardo Lourenço – *O labirinto da saudade...*, p. 99.

Ligando o destino pátrio à espiritualidade, Pascoaes encara D. Sebastião como a “maior saudade da alma portuguesa”. Para o poeta, “ele (D. Sebastião) não morrera, desaparecera somente. E quem desapareça, deixa na sombra da sua ausência, a esperança d’um novo aparecimento ...”²⁴.

Repare-se, desta forma, que tal como os mortos que vivem pela lembrança, porque estão ausentes, no *Livro de memórias*, também D. Sebastião está vivo na alma portuguesa, no desejo que a sua ausência encerra. Assim, o desejo e saudade confundem-se. A lembrança faz-se esperança. E o povo espera, porque mitificou a saudade, logo, a ausência, que pressupõe, desta forma, a crença no regresso ... Diz o poeta: “O sebastianismo é já a expressão divina, mítica, da nossa dor ...” Dor essa que encarna a esperança.

Podemos talvez, assim, afirmar que a ideia criadora de um novo Portugal – ou o seu ressurgimento –, defendido pela geração de Pascoaes e pela elite intelectual que o acompanhou, esteve nesse optimismo que irradiou das palavras – paradoxalmente tristes e saudosas – da obra de Pascoaes. Por isso, a sua obra só pode ser verdadeiramente compreendida, como diria Jorge de Sena, numa perspectiva histórica²⁵.

É desta forma que, segundo Eduardo Lourenço, “Portugal dos fins do século XIX, princípios do XX (...), assistirá, estupefacto e incrédulo a uma operação de magia poética incomparável destinada a subtrai-lo, para sempre àquele complexo de inferioridade anímico que a Geração de 70 ilustrara com tão negra e fulgurante verve. O verbo de Pascoaes rasura ou dissolve a nossa pequenez objectiva, onde enraízam todos os temores pelo nosso futuro e identidade.”²⁶

A pátria de Pascoaes é real enquanto futuro, enquanto esperança, enquanto vida. A sua visão exige esperança. Esperança que é trazida pela saudade, como se de um acto catártico se tratasse: “Tudo é vivo, nesta casa abandonada. Um abalo do vento, e ela estremece, cheia de vozes desconhecidas ... é a própria morte que a anima e a torna sensível às minhas lágrimas.”²⁷

A saudade diviniza tudo, para o poeta: os mortos que amou tornam-se *deuses*, os lugares, *sagrados* ... A religiosidade com que viu a sua aldeia foi a mesma com que sentiu Portugal: “E a saudade, com a sua face de desejo e esperança, é já a sombra do Encoberto amanhecida, dissipando o nevoeiro da legendária manhã. A Saudade, que chorou depois de Alcácer-Quibir e assistiu, negra de luto, às exéquias nos Jerónimos, mostra agora, na alegria da sua revelação, o primeiro sorriso de esperança, porque ela, definindo-se, definiu também o nosso sonho nacional de Renascença, o alto destino imposto a Portugal pela Tradição e pela Herança.”²⁸

24 Teixeira de Pascoaes, cit. in Fernando Pessoa, et al. – *Regresso ao sebastianismo*, [s.l.], 1950, p. 207.

25 Jorge de Sena – *A poesia de Teixeira de Pascoaes*. Porto: Brasília, 1982, p. 26.

26 Eduardo Lourenço – *O labirinto da saudade*, p. 100.

27 Teixeira de Pascoaes – *Livro de Memórias*. Lisboa, 2001, p. 127.

28 Teixeira de Pascoaes – *Arte de ser Português*. Lisboa, 1998, p. 119.

No contexto da aurora da República, a Renascença Portuguesa pretendeu mudar o discurso até aí utilizado e “substituir uma época de demolição por uma época de edificação”, como afirmou Maria das Graças Moreira de Sá ²⁹.

Não esqueçamos que os anos anteriores tinham sido marcados por um discurso decadentista, com um profundo desajustamento de Portugal face à “civilização” europeia e um sintoma de crise e de fim de século, que causaram um mal estar geral entre as elites intelectuais, chegando mesmo à questão sobre a viabilidade da existência de Portugal como pátria.

Para o grupo da Renascença Portuguesa (as próprias iniciais coincidem com as da República Portuguesa), só é possível (re) nascer para quem está morto. E por isso, para Picoas, a morte era motivo de vida. E foi esta a sua grande inovação face à anterior geração, uma nova forma de olhar Portugal e de Portugal se olhar.

Num tempo em que se procuravam novos valores perante um regime que se afirmava, a visão saudosista de Picoas, poética, ganharia dimensão social, política e religiosa. Destinados a uma orientação cultural do país, os seus textos transformaram a saudade na aventura metafísica dos portugueses, rumo a *novas índias espirituais*. Valorizando o espiritual da alma portuguesa, com aquilo que ela tem de único e intraduzível – a saudade –, Portugal renasceria, com uma nova imagem de si mesmo. E é nesse ponto que o autor se afasta dos homens da Geração de 70, que saem perdedores, vencidos, porque colocaram um Portugal desajustado na balança da Europa “civilizada”.

A “Pátria-saudade”, na feliz expressão de Eduardo Lourenço, foi um Portugal inconfundível, porque individual e único, com as suas lendas, mitos, saudade e tradição, redutos de uma especificidade cultural que traria, assim, a possibilidade de renascer e afirmar-se perante a Europa. A mensagem de Picoas irradia optimismo criador, perante as cinzas da morte. A esta, opõe-se a visão da renascença. Ele foi o poeta que existiu através da memória e deu existência às ausências, viu a luz nas trevas e a vida na morte. Aquilo que é uma constante na tradição literária portuguesa, a saudade, assumiu uma essência espiritual em Picoas.

Segundo Óscar Lopes, o saudosismo pertence a um movimento estético e doutrinário inspirado por Picoas. Terá sido uma escola poética, mas sobretudo uma tendência da espiritualidade portuguesa. Será essa a grande contradição do modernismo? O inovar, o trazer a ruptura através da paradoxal ligação com o passado? A valorização da saudade que muitos dos modernistas buscaram – ainda que muitos de forma não singular – foi o encontro da tradição com a actualidade. Foi a busca de um sentido para a vida, na angustiante mutação de valores e de tempos, como foram

29 Maria das Graças Moreira de Sá – Do Portugal decadente ao Portugal renascente: a magia do verbo e da saudade em Teixeira de Picoas. In *Estudos Portugueses: homenagem a António José Saraiva*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1990, p. 337.

os da 1.^a República. Foi a crença em algo libertador que respondesse à inquietação perante a morte e a passagem transitória da vida.

É nesses tempos e nessa busca, que em Pascoaes, literatura, filosofia, história e cultura se cruzam com a teologia. Talvez por isso, a obra *Homem Universal* tenha sido considerada por António Cândido Franco como a súpula do pensamento de Pascoaes. Pensamento que foi, afinal, toda uma vida.

Ao lembrar Teixeira de Pascoaes, estamos a fazê-lo viver, através da leitura das suas palavras, poéticas e metafísicas: “o verdadeiro sentimento poético é sempre religioso (...) e o poeta fala, entre os homens, a linguagem de Deus.”³⁰



A Vida: a esperança, o amor, a saudade (entre 1899 e 1901), António Carneiro (1872-1930)

António Carneiro, companheiro de Pascoaes na revista *A Águia*, traria também à luz a saudade como condição da vida, numa época de transmutação de valores, de regime e de tendências culturais. A preocupação com a morte, com o fim e o reinício, e com a esperança que a vida acarreta, foram uma preocupação do ser humano nessa busca contínua de um sentido para a existência.

30 Teixeira de Pascoaes – *Arte de ser Português...*, p. 81.